

## A MEMÓRIA EM *XEFINA*, DE JUVENAL BUCUANE: A LEMBRANÇA DE UMA ILHA RECLUSÃO<sup>1</sup>

The memory in *Xefina*, of Juvenal Bucuane: remembrances of an island seclusion

Chimica Francisco  
UFSM/CAPES

### RESUMO

O presente estudo pretende trazer uma abordagem a partir da obra *Xefina* (1989), do moçambicano Juvenal Bucuane, sobre a questão da memória que consubstancia sobremaneira a escrita desta obra. O objetivo prende-se com a identificação e a caracterização de marcas de memória presentes na obra como elementos estruturantes da produção literária de Bucuane. Na obra são evidentes momentos em que a personagem protagonista (Alfredo) recua no tempo, num passado distante, em busca de acontecimentos que marcaram a sua vida e relata-os no presente. A metodologia a ser adotada será a qualitativa na sua vertente analítico e descritiva que terá como suporte a apresentação de passagens ilustrativas retiradas da obra em estudo. As teorias de Umbach (2008), sobre “memória da literatura” e “memória na literatura” e Ricoeur (2012), referindo que “a memória é do passado”, darão suporte ao estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura moçambicana; memória; *Xefina*; Juvenal Bucuane.

### ABSTRACT

This study aims to bring an approach from *Xefina* work (1989), the Mozambican Juvenal Bucuane, on the issue of memory that greatly substantiates the writing of this work. The objective relates to the identification and characterization of memory brands present in the work as structural elements of literary production Bucuane. In the work are obvious times when the protagonist character (Alfredo) back in time, in the distant past, looking for events that marked his life and reports them in the present. The methodology to be adopted will be qualitative in its analytical and descriptive aspect which will support the presentation of illustrative passages taken from the work in the study. Theories of Umbach (2008) on “memory of literature” and “memory in literature” and Ricoeur (2012), stating that “memory is the past,” will support the study.

**KEYWORDS:** Mozambican Literature; memory; *Xefina*; Juvenal Bucuane.

### Introdução

O presente estudo pretende trazer uma abordagem a partir da obra *Xefina* (1989), do moçambicano Juvenal Bucuane, sobre a questão da memória que consubstancia sobremaneira a escrita desta obra. O objetivo prende-se com a identificação e a caracterização de marcas de memória presentes na obra como elementos estruturantes da produção literária de Bucuane. Na obra são evidentes momentos em que a personagem protagonista (Alfredo) recua no tempo, num passado distante, em busca de acontecimentos que marcaram a sua vida e relata-os no presente. A metodologia a ser adotada será a qualitativa na sua vertente analítico e descritiva que terá como suporte a apresentação de passagens ilustrativas retiradas da obra em estudo.

As teorias de Rosani Umbach, sobre a “memória da literatura” e sobre “memória na literatura”, e de Paul Ricoeur, que concorda como que foi postulado na antiguidade por Aristóteles,

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, da CAPES/CNPq – Brasil.

confirmando que “a memória é do passado”, darão suporte a este estudo. Pode-se depreender que a obra *Xefina*, de Bucuane apresenta marcas evidentes de memória constituídas por aquilo que foram as vivências do seu personagem principal, Alfredo.

## Memória

A perspectiva deste trabalho tem a ver com os estudos culturais e em particular com a pós-colonialidade. É evidente que nestes estudos as questões relacionadas com a memória estão ainda bem marcadas, pois o passado recente que liga o país como Moçambique ao ex-colonizador português são ainda bem patentes na memória individual e coletiva do seu povo. O passado de repressão, de opressão, de exploração, de segregação racial e muitos outros males perpetrados pelo colonialismo português jamais serão apagados da memória das pessoas, sobretudo da memória coletiva, mantendo-se, assim no subterrâneo, latente e submisso por conta de discursos atuais que se desdobram em justificativas, alegando-se imperativos históricos daquela época e até de outros imperativos de ordem civilizacional. Esses discursos procuram ter mais enfoque no presente com visão no futuro de boas e necessárias relações mútuas entre as comunidades, impostas pela realidade atual de estados multiculturais e de diversidade, mas que fazem parte de um todo global.

De acordo com Nilma Carvalho, as discussões sobre memória têm conquistado bastante espaço nas diferentes esferas do conhecimento, visto o papel fundamental que esta tem como salvaguarda de eventos e acontecimentos ocorridos num passado mais ou menos distante. Para esta articulista é de se reconhecer a atualidade de gênero memória, como alude:

A memória tem sido foco de discussões na contemporaneidade, pois é pressuposto teórico para algumas áreas das ciências humanas: psicologia, sociologia, filosofia, entre outras. Além disso, ganha bastante acentualidade nas artes, principalmente na literatura. Ela se configura, pois, como recurso literário principalmente quando os dramas humanos eclodem e se faz necessário rever alguns eventos no tempo e no espaço sócio-histórico. Assim, a memória pode ser necessária para não deixar cair no esquecimento fatos que são fundamentais lembrar, portanto, transformou-se em um gênero literário voltado ao Eu interior, com objetivo de entender os dramas vividos, enfatizando um ponto de vista particular com o qual o leitor se identifica porque viveu, de alguma forma, um evento semelhante, pois o caráter do gênero memória é o de testemunhar e trazer à tona um episódio que foi relevante no passado. (CARVALHO, 2009, p. 1.808)

Para tanto, interessam a este estudo as concepções de memória na ótica dos estudos literários. Segundo Umbach, citando Erll, é possível distinguir três categorias:

1. a memória *da* literatura, baseada na imagem metafórica de ‘memória do sistema simbólico literatura’, a qual se manifesta nos textos através de referências intertextuais. Isso ocorre quando, em uma obra literária, a literatura anterior é rememorada, seja por meio de intertextualidade, de esquemas de pensamento e expressão ou da tradição. (...). Pode-se incluir nesta categoria a memória do gênero, ou seja, os gêneros literários igualmente resultam da memória intertextual. Tanto memórias individuais como memórias culturais recebem forte influência do gênero memorialístico (autobiografia, romance de formação, romance histórico, epopeia);
2. a memória *na* literatura, isto é, a ‘mimese da memória’. Trata-se da encenação da memória, de recordações e lembranças em textos literários, os quais dialogam com os discursos da memória de seu contexto de produção, trazendo à mostra o funcionamento, processos e problemas da memória (individual e coletiva) no campo ficcional, através de procedimentos estéticos;
3. a literatura como ‘veículo da memória coletiva’, ou seja: em culturas memorialistas históricas, a literatura preenche diversas funções como veículo da memória, por exemplo na formação de

versões do passado, na construção de identidades coletivas, na negociação de memórias concorrentes, funcionando inclusive como instância de supervisão crítica de processos culturais relacionados com a memória (UMBACH, 2008, p. 12).

Acredita-se que o estudo ora em processo assente, sem muitas dúvidas, na terceira concepção em que se tem a literatura como “veículo da memória coletiva”, pois a obra *Xefina*, de Bucuane, participa “na construção de identidades coletivas”, de seu país que é Moçambique, trazendo ao de cima os problemas do momento.

Sobre a memória *da* literatura, esta, segundo Umbach, fundamenta-se em: “processos que ocorrem no interior da literatura, como os que dizem respeito à intertextualidade e à memória do gênero, e em processos que se realizam no interior do sistema literário, como os que se referem às pesquisas do cânone e da história da literatura” (UMBACH, 2008, p. 12). Enquanto, continua a autora, a memória *na* literatura leva em conta:

[...] de forma mais acentuada, a relação dialógica da literatura com os discursos extraliterários. Esses estudos partem do pressuposto de que a literatura toma como referência a realidade cultural extratextual, inclusive os discursos e problemas através de formas estéticas na ficção. Por isso, baseiam-se em modelos miméticos da relação entre memória e literatura (UMBACH, 2008, p. 13).

Na mesma esteira e num outro estudo, Umbach afirma que: “a experiência do indizível, em suas várias formas de expressão, emerge em narrativas de cunho autobiográfico e memorialístico, constituindo tentativas de preservar a memória e a história por meio da escrita” (UMBACH, 2011, p. 29).

Concordando-se com Umbach, muitos fatos ocorridos no período colonial não puderam ser registrados e editados em livro na época que ocorreram com o receio da censura e mesmo o que havia sido escrito permaneceu em gavetas e só veio a público depois da independência deste país. *Xefina* é um exemplo evidente dessa situação, pois apesar de estar a relatar fatos de antes da independência, só foi possível a sua publicação depois da independência de Moçambique. Durante algum tempo (1975-1982), assistiu-se sobretudo à divulgação de muitos textos que se encontravam dispersos ou guardados pelas razões já invocadas. O livro típico, em Moçambique, até pelo seu título marcadamente sugestivo, foi *Silêncio escancarado* (1982), de Rui Nogar.

Por sua vez, Ricoeur segue concordando, como foi postulado na antiguidade por Aristóteles, que: “a memória é do passado”. O autor esclarece que “é o contraste com o futuro da conjectura e da espera e com o presente da sensação (ou percepção) que impõe esta caracterização primordial” (RICOEUR, 2012, p. 35). Esta realidade justifica-se pela constante necessidade que se tem de recordar os fatos ocorridos num passado que pode ser mais ou menos distante.

Michael Pollak apresenta Maurice Halbwachs como aquele que:

[...] enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais (POLLAK, 1989, p. 3).

Há assim a necessidade de seletividade de toda a memória e também um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais para que elas se beneficiem mutuamente e comumente tragam seus testemunhos. Continua Pollak afirmando que a história oral tem ressaltado a importância de memórias subterrâneas, privilegiando a análise dos excluídos, dos marginalizados, dos integrantes das culturas minoritárias e dominadas que, muitas vezes se opõem à “memória oficial”, que é a memória nacional (cf. POLLAK, 1989, p. 4). Nessa ótica, *Xefina* consegue dar voz a essas memórias subterrâneas, narrando aquilo que foi o seu cotidiano, as suas dificuldades, as suas incertezas e inseguranças. Pollak chama atenção nos seguintes termos: “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”. E acrescenta ainda que: “ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas” (POLLAK, 1989, p. 5).

Lembre-se que a memória coletiva procura sempre definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes como partidos, sindicatos, igrejas, nações, etc, e que a referência ao passado é um pretexto para a manutenção da coesão dos grupos e das instituições como forma de definir seu lugar, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (cf. POLLAK, 1989, p. 9).

Pollak afirma que a memória parece ser um fenômeno individual, algo que tem a ver com o íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs aponta que, nos anos 1920-1930, como antes havia sido sublinhado, a memória deve ser entendida também como “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201).

Quando questionada, a pesquisadora em matéria de lembrança, Aleida Assmann, numa entrevista feita em 2011, por Roland Detsch, sobre a participação de conceitos como memória social, memória coletiva, memória cultural, lembrança e esquecimento, na condição de indivíduo e sociedade, foi categórica em afirmar que não são apenas os indivíduos que se lembram das coisas, “mas também grupos, sociedades e nações. Lembrar e esquecer passaram a ser reconhecidos como aspectos importantes tanto da convivência em sociedade quanto também da política” (DETSCH, 2011).

Assim, dando prosseguimento, Assmann assegura que a lembrança da história em comum desempenha um papel muito relevante para o pertencimento político das gerações posteriores, como provam diversas cerimônias nas quais se celebra a memória nacional. E distinguindo as memórias afirma: “enquanto a memória individual está ligada ao curto espaço de tempo da vida de uma pessoa, se esvaindo com o fim da mesma, a memória cultural de longo prazo, que perpassa diversas gerações, está ancorada na mídia, nas instituições e nos rituais” (DETSCH, 2011). Neste contexto, segundo Assmann, tanto para os indivíduos quanto para o coletivo, vale uma lógica semelhante da lembrança: os acontecimentos que valorizam a própria pessoa são salientados, ignorando-se tudo o que poderia pôr em risco uma imagem positiva de si mesma.

Pollak, na sequência, no seu estudo sobre “Memória e identidade social”, apresenta os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, e que se julga serem importantes para a substanciação deste estudo, como sendo os seguintes:

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra

um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *peçoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 201)

Sobre as personagens de que depende fundamentalmente a existência da memória, Ricoeur sublinha a memória individual, destacando que “não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro”, enquanto particular, pessoal, a memória é um “modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito” (RICOEUR, 2012, p. 107). Assim, fica evidentemente lembrado que o vínculo da consciência com o passado reside na memória, como foi dito por Aristóteles e, posteriormente enfatizado com Santo Agostinho, que reiteraram que a memória é do passado e esse passado é de impressões do indivíduo (cf. RICOEUR, 2012, p. 107).

Para além dos acontecimentos e das personagens também apresentados, pode-se na mesma ordem arrolar os *lugares*. Retomando Pollak, existem lugares da memória, lugares que estão ligados a uma lembrança, “que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1992, p. 201). Continua Pollak afirmando que esse lugar pode ser um lugar de férias na infância, que permaneceu muito marcante na memória da pessoa independentemente da data real em que a vivência dos referidos eventos ou acontecimentos se deu (cf. POLLAK, 1992, p. 202).

O mesmo Pollak assegura que: “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202). Assim, a memória é de suma importância, quer diga respeito a experiências de caráter individual, quer essa concorra para um todo de experiências de uma comunidade.

### **A memória em *Xefina*, de Juvenal Bucuane**

A reconstrução dos eventos do passado depende em grande medida da memória do seu construtor. Normalmente contam-se os acontecimentos mais ou menos distantes no tempo, porque reza a teoria que não se pode contar a história do presente, mas sim do passado e, por isso mesmo que tem que ser buscada, essa história, no reservatório mais antigo e mais tradicional que é na memória, para sua constituição. No período da guerra colonial, em Moçambique, assim como em outra guerra qualquer não era possível estar-se atento à escrita sobre os fatos que estavam a decorrer. Foi isso que ocorreu com o autor da obra *Xefina*, Juvenal Bucuane, que estando a tratar de acontecimentos ocorridos em finais de 1974, bem no final do reinado do colonialismo português, e de outros acontecimentos do pós-independência de Moçambique que aconteceu em 1975, só foi possível a “escrita” desses fatos para sua publicação em livro, em 1989, isto é, depois de um longo período de mais de dez anos.

As suas histórias ou até os seus episódios, os que compõem a obra *Xefina*, são todos eles frutos de suas lembranças, de suas memórias, num jogo em que se dispõe de duas personagens que são fundamentais para a construção dessas memórias (Alfredo e Jôta), tais personagens-narradores ajudam-se nessa árdua tarefa em que está envolvida a memória, a história, a lembrança e o esquecimento. As histórias memorialistas, apesar de não serem necessariamente diários ou autobiografias, retratam ou assentam-se em fatos que ocorreram num determinado espaço e tempo. Muitas personagens, embora algumas assumam, na obra, nomes fictícios, o que é característico de uma obra literária, tiveram existência real naquele espaço e tempo aludidos na obra: “nestes contos há nomes verdadeiros e fictícios, estes, por já não me recordar dos verdadeiros, ou alcunhas que na altura se utilizavam para nomear certas personagens” (BUCUANE, 1989, Nota do autor).

O autor da obra lembra a sua chegada à ilha da Xefina Grande, em fevereiro de 1974, até a sua passagem à disponibilidade a 30 de outubro do mesmo ano. O trecho, retirado da “Nota do autor”, da obra *Xefina*, confirma o que se acabou de dizer:

Chegado à Xefina, em Fevereiro de 1974, encontrei lá gente de todos os rostos, todos os feitios, todas as situações possíveis e imaginárias, a qual vendo-me, logo à primeira, a sair do rebocador pela ponte improvisada, indagava-se se eu seria algum recluso ou efectivo da companhia estacionada na ilha, isso li-o eu próprio nos olhares inquiridores que tentavam dissecar-me para me descobrir a razão da minha presença naquela ilha, lá do «cu» do mundo, porém agrupados em duas facções, qualquer delas numerosa: militares efectivos e reclusos, como é lógico, fui integrado na primeira e colocado numa das secções, onde trabalhei até à passagem à disponibilidade, que se verificou a 30 de Outubro de 1974, como resultado do processo de descolonização desencadeado logo após a assinatura dos Acordos de Lusaka entre a FRELIMO e o Governo Português.  
[...] o golpe de estado de 25 de Abril em Portugal eclodiu quando eu me achava na Xefina. Vivi o antes e o pós 25 de Abril na ilha reclusão, em que bebi as vivências das personagens desse tempo, militares e reclusos, maioritariamente militares a cumprirem penas de prisão, pelos mais diferentes crimes praticados, de índole militar (BUCUANE, 1989, Nota do autor).

O uso da primeira pessoa gramatical, assim como o recurso aos tempos verbais no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito simples, assim como do composto, vêm reforçar essa ideia de que se trata de um discurso memorialístico de quem vivenciou num passado os acontecimentos que está narrando. Nota-se na citação a seguir em que se destacam essas marcas características de recurso a um passado, a uma memória:

Em Nampula<sup>2</sup> *concederam-me* a transferência solicitada, só que ela *foi considerada* na condição de *eu* aceitar colocação no DDM, Depósito Disciplinar de Moçambique, ou seja, ilha da XEFINA. À *minha* relutância correspondia mais tempo de Nampula, que, diga-se de passagem, já *me* fartara, pois que, Lourenço Marques já não tinha, com excepção da ilha reclusão, nenhuma vaga para o *meu* posto hierárquico e para a *minha* nova especialidade (BUCUANE, 1989, Nota do autor, grifo meu).

A recorrência ao tratamento de temáticas do cotidiano, o recurso ao constante diálogo e, sobretudo, um diálogo que se reduz a duas personagens fundamentais (Alfredo e Jôta) que perpassam por todas as histórias e, também, o recurso ao “linguajar popular” constantes da obra parecem marcar particularmente o estilo característico do autor. Bucuane vem trazer, ele mesmo, na “Nota do autor” de sua obra, aquilo que é o seu entender sobre a sua escrita, a sua fonte de inspiração, nos seguintes termos:

Com estes contos, contados por mim de forma indirecta, não pretendo fazer nenhuma reformulação de linguagem, não me aventuro a esses meandros, não pretendo moçambicanizar a língua portuguesa, embora seja apologista de que o processo linguístico em curso em Moçambique, tendo como base as variantes nacionais integradas gradualmente na língua portuguesa, culminem com uma língua moçambicana. Tento, isso sim, deleitar os meus possíveis leitores com um naco de prosa com acentuados desconcertos no purismo linguístico, com pitadas anedóticas, caricaturais mesmo, utilizando um linguajar vulgar, mas baseando-me em factos reais.  
[...], apenas tento um caminho de fazer chegar mais fácil e humoristicamente uma realidade de uma determinada época, num determinado lugar (BUCUANE, 1989, Nota do autor).

<sup>2</sup> Nampula é uma das dez províncias de Moçambique, localizada na região Norte do país.

Isto vem reforçar cada vez mais as tendências estético-temáticas prevaletentes do autor o que se pode traduzir em marcas características patentes na sua escrita. Ademais é um testemunho, onde o próprio Juvenal Bucuane é um acérrimo representante de uma memória coletiva “de uma determinada época, num determinado lugar”, a que encarrega a dois personagens-contadores (Alfredo e Jôta) que têm quase que um compromisso com o próprio autor, de se manifestar em nome deste sobre os acontecimentos ocorridos.

No primeiro conto “A chegada”, em que para se atravessar da parte do continente até a ilha da Xefina Grande se usava como meio de transporte um rebocador, que navegava sobre as águas do Oceano Índico, o soldado recém-chegado, Alfredo, lembra através de suas memórias as únicas duas vezes que tivera semelhante experiência de navegação, mas estas experiências sobre as águas de outro rio, do rio Zambeze. O discurso é apresentado na terceira pessoa do singular, como que a destacar aquela vivência única e singular que agora se repetia:

Ele, em dias de sua vida, navegara antes, apenas, duas vezes, indo e vindo entre a cidade de Tete e o bairro de Matundo, numa barçaça a remos de reduzidíssimas proporções, sobre as águas correntes do Zambeze, cruzando a ponte em construção por entre as suas colunatas.

Era aquela, a sua terceira viagem litosférica e ele não compreendia bem, por mais que desse uma grande volta aos miolos, o motivo do tumulto que o tomava, do tufão que redemoinhava no seu âmago, se nos rostos dos seus companheiros de viagem, via desenhados sorrisos e eles conversavam entre si sobre muitos assuntos, descontraídos, como se estivessem em terra firme (BUCUANE, 1989, p. 19-20).

Do mesmo modo sobre esse passado distante, de que, sem dúvidas, se socorrerá de uma memória que vai buscar lá ao longe outras histórias contadas por “gentes anciãs” (como é costume nas comunidades tradicionais africanas, onde a maior parte de informação é guardada na memória coletiva da comunidade, uma vez que essas sociedades/comunidades serem ágrafas), Alfredo relembra a história que lhe haviam contado sobre o surgimento da ilha Xefina para onde fora colocado como militar efetivo e, agora, para lá se deslocava:

Uma mancha enorme, de um verde bruxuleante, como que um gigantesco barco encalhado, assentava sobre uma base de bordas brancas que terminavam nas águas da baía. Lá mais ao longe, outra mancha, menor que a primeira, erguia-se, timidamente, lá na linha do horizonte haviam contado ao Alfredo que a Xefina em tempos que se perdem já na memória das gentes anciãs, fora uma ilha única, grande, que com os efeitos da erosão pelas águas do mar, dividira-se em três torrões de terra, todos eles denominados xefinas, sendo um a Xefina Grande, outro a Xefina Pequena, esta desabitada e a grande, para onde ia, um depósito disciplinar, o Depósito Disciplinar de Moçambique, que, para além disso, tinha, disseminada pela mata, uma pequena população civil (BUCUANE, 1989, p. 20).

Era desta forma que era vista a ilha da Xefina Grande. A memória traz consigo pormenores históricos ou lendários sobre o surgimento daquele espaço onde Alfredo ia passar seus próximos tempos no exercício das suas funções como militar ao serviço do regime colonial. Alfredo, não habituado a essas travessias de rebocador, perdeu o espectáculo da hora da chegada para o desembarque do rebocador, pois havia perdido os sentidos antes mesmo de atracar: “vira, ao espreitar, um magote de gente que formigava na praia, à beira do cais aonde o rebocador iria atracar, mas tão depressa uma nuvem escura e cheia de sonidos estranhos toldara-lhe a visão e o sentido das coisas. Nada mais vira. Nada mais sentira. Nada mais ouvira” (BUCUANE, 1989, p. 21).

O narrador procura mostrar o espectáculo que era a chegada e o desembarque das pessoas do rebocador, espectáculo que Alfredo perdera, mas que teria outras oportunidades para assistir, pois se repetia quase que sempre o mesmo cenário:

Foi pena que não tivesse assistido às operações de desembarque de pessoas e mercadorias, naquele cais improvisado, pois, segundo lhe haviam contado, aquilo era bom de ver, uma autêntica encenação teatral, em que o personagem principal era o comandante, um patético capitão do quadro, muito velho e rabujento, presunçoso que ele certamente conheceria, as ocasiões seriam bastas e, quem sabe, com ele mesmo falaria até!, e as outras pessoas com papéis menores que se diluíam na azáfama da aportagem e do desembarque de pessoas e mercadorias, eram reclusos, com mais ou menos tempo de cativo e militares no efectivo a acudir em no que fossem necessários (BUCUANE, 1989, p. 21).

Todas as lembranças da personagem Alfredo encontram-se basicamente centradas no primeiro conto que faz referência sobre a chegada desta personagem à ilha da Xefina Grande, é fundamentalmente na base de memórias, de recortes daquilo que lhe haviam contado, que o conto é constituído.

### Considerações finais

Após este breve estudo sobre memória na obra *Xefina* é possível concluir que a mesma é efetivamente memorialística, pois a personagem protagonista, Alfredo, socorre-se desse recurso para lembrar os momentos que passou antes e depois de estar na ilha da Xefina Grande no cumprimento do serviço militar colonial. Esta personagem apoia-se em suas lembranças para construir e reconstituir os vários eventos por si passados, como a travessia da parte do continente para a ilha, o meio usado para essa travessia, a lenda ou “história” sobre o surgimento da ilha Xefina e o espectáculo que era o desembarcar do rebocador quando chegava à ilha. Tudo isso são lembranças eternizadas através da escrita.

Essas lembranças são de suma importância porque constituem uma parte daquilo que foi a história do país, Moçambique da época colonial, ainda sob dominação de Portugal. Assim, *Xefina*, de Juvenal Bucuane assume-se não apenas como registro de memória de seu autor, mas e, sobretudo, como um documento histórico importante para o país, como uma memória coletiva.

### Referências

- BUCUANE, Juvenal. *Xefina*, Maputo: Tempográfica – INLD, 1989.
- CARVALHO, Nilma Machado. Eu: narrador e personagem, suas singularidades *in* memórias, p. 1.808-1.816, 2009. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais\\_paginas\\_%201502\\_2009/Eu%20narrador.pdf](http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%201502_2009/Eu%20narrador.pdf). Acesso em: 31 mar. 2015.
- DETSCH, Roland. Qual é o significado real da lembrança? – uma entrevista com Aleida Assmann. Trad. Soraia Vilela. *Revista Sociedade e Mídia*, Goethe Institut, jan.2011. Disponível em: <http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/med/pt7000483.htm>. Acesso em: 22 abr. 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. In. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social – conferência. Trad. Monique Augras. In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2012.
- UMBACH, Rosani Ketzer (Org.). *Memórias da repressão*. Santa Maria: PPGL/UFSM, 2008.
- \_\_\_\_\_; CALEGARI, Lizandro Carlos; OURIQUE, João Luis Pereira (Org.). *Violência e memória na produção cultural: o autoritarismo na Alemanha e no Brasil*. Santa Maria: PPGL/UFSM, 2011.

Recebido em: 20 jan. 2016.

Aprovado em: 13 abr. 2016.